

A PARTE QUE FALTA: UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO E CURA PESSOAL**

Samara Barros Carvalho¹

Resumo:

Este artigo visa discutir uma obra infantil “A parte que falta” que apresenta como tema central a visão dualista sobre a essência do mundo e da vida: o bem e o mal, o certo e o errado, criando uma sensação de incompletude interna, levando os seres humanos a buscar fora aquilo que está dentro da alma.

Palavras-Chave: Unidade e Dualidade. Cura. Consciência.

Abstract: This article aims to discuss a children’s work “the missing part” that presents as a central theme the dualist vision about the essence of the world and of life: good and evil, right and wrong, creating a sense of internal incompleteness leading human beings to seek out that which is within the soul.

Keywords: Unity and Duality. Cure. Consciousness.

Recebido em 30 de outubro – Aprovado em 16 de novembro de 2018.

¹ Pedagoga pela Puc (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Especialista em Psicologia dos Processos Educativos pela UFG (Universidade Federal de Goiás), possui formação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Cambury, atualmente é professora da rede municipal de Goiânia.

UNIDADE E DUALIDADE

“Faltava-lhe uma parte. E ele não era feliz”(SILVERSTEIN, 2018). Diante de tal afirmação, a compreensão do vazio existencial já é pauta das ciências filosóficas e humanas. Todo o pensamento ocidental está pautado no plano da dualidade. Isso pressupõe que as vivências no mundo terreno são filtradas por uma consciência dualista: bem e mal, vida e morte, negativo e positivo. A positividade e a negatividade presentes nas afirmações acima são uma única corrente de energia:

Qualquer partícula de energia e consciência em seu eu que se tenha tornado negativa deve ser novamente transformada em seu modo positivo original de ser. Isto não pode ser feito sem que você assuma a responsabilidade plena pela negatividade presente em você. Porque na essência o negativo é o positivo. Negativo e positivo não são dois aspectos de energia e consciência: são uma única e mesma energia. (PIERRAKOS, 2007,p.27)

O plano da dualidade permeia toda a existência. Todas as expectativas são filtradas por uma consciência dualista que classifica os eventos da vida como uma série de acontecimentos classificados como bons ou maus. A consciência humana é entendida através de dois planos: dualista e unificado. A maioria dos seres humanos vive sob o plano dualista onde percebe as experiências por oposições (bom ou mal, certo ou errado, vida ou morte). Já o princípio unificado combina os opostos do dualismo que não considera os considera e nem muito menos as polaridades.

Diante desse cenário as pessoas que vivenciam o aspecto dual da vida são consideradas, segundo Crema (2010), como normóticos. Esse termo foi criado para definir a pessoa adaptada a um contexto de conformismo e inércia diante a vida, em que se acha isolado de questões que tratam do mundo, pensando apenas na sua vida em particular regada a grandes doses de mediocridade.

Na raiz da normose encontra-se a fantasia da separatividade. Ao observar um objeto a mente racionaliza distinguindo tal objeto do sujeito ocorrendo assim a dualidade. A vida no plano dualista é um problema constante sempre existe luta em relação a divisão arbitrária do princípio da unificação, o gera oposições que dão origem aos conflitos. Inicia-se então uma tensão interior em relação a essa criação ilusória de estados opostos.

Essa consciência dual provém do modelo de pensamento mecanicista que se baseia na filosofia de que há conexão direta entre causa e efeito. Em contrapartida a

esse pensamento que representa a consciência e a cultura instaurada nos dias atuais, tem-se o misticismo:

A atitude mítica nega a existência da lei de causa e efeito, pois entende que todos os fenômenos são manifestações de uma consciência universal, negando a importância da consciência individual. Num mundo em que a lei da causalidade é ilusão, a ação não tem sentido. O místico se vê forçado por suas crenças a fugir do mundo, a voltar-se para dentro de si na busca do verdadeiro sentido da vida e então descobre a unidade entre toda a vida e o universo. (LOWEN, 2017,p.72)

Assim no plano dualista, todos os seres se deslocam num ciclo perpétuo de vida e morte, construção e destruição, de ser e de vir a ser. Todas as pessoas vem ao mundo com um estado de mente unificado no seu verdadeiro eu. Tal estado proporciona liberdade, felicidade e domínio da vida e todos esses eventos estão registrados no inconsciente. E os que anseiam vivenciar momentos de realização plena, recorrem ao plano dualista resultando um conflito enorme pois é impossível alcançar essa realidade, a ilusão cria a dualidade.

Nesse sentido, todas as questões terminam em vida ou em morte, as pessoas pensam que a vida é de fundamental importância para evitar a morte. E essa é uma ilusão do plano dualista no qual um lado é considerado mais importante e a pessoa luta por ele, enquanto o outro é visto como uma ameaça e a pessoa luta contra ele. Assim os seres humanos lutam eternamente em favor daquilo que acham verdadeiro em detrimento daquilo que julgam ser falso, seguindo envolvidos no mundo da dualidade, portanto na ilusão e no conflito.

Libertar-se desse jogo, transitando do estado dualista para o estado unificado, significa admitir que nem toda a racionalidade técnica, nem o acúmulo teórico de disciplinas por meio de estudo são suficientes para o caminho da transcendência. Esse percurso inicia quando se permite estar presente no agora, admitindo que tudo já existe dentro de cada um. O fluxo cósmico natural, que existe na psique de todo ser humano, é um rio vital borbulhante, que os leva automática e naturalmente rumo ao estado de compreensão de si mesmos, no qual não há mais nenhuma oposição, nenhum conflito que traga a dor. Esse é o estado natural: desse modo, a natureza está a favor de todos. Ao confiar-se ao fluxo vital, ao deixar-se perceber esse fluxo, as pessoas contribuem para o desenvolvimento do seu destino natural.

No plano da união, o desenvolvimento não encontra ameaça de nenhum oposto ; portanto, não é preciso ter medo dele, nem opor-se a ele. O processo de desenvolvimento no estado de união significa promover sempre o desdobramento e

a expansão. Significa a experiência em expansão de possibilidades infinitas para a beleza, a vida e a vontade, contudo o belo não é o contrário do feio ; a vida não é o oposto da morte ; bom não é oposto do mau porque, no estado de união, nunca são ameaçados por um oposto.

O CAMINHO PARA O PLANO UNIFICADO DE CONSCIÊNCIA

Viver no plano dualista é enfrentar diversos conflitos que se estendem na vida individual de cada ser criando assim duas realidades opostas e conflitantes. Ao nascer, o espírito encarnado já tem dentro de si o ensejo do caminho unificado de consciência. Por ser uma sensação vaga (a experiência de vida plena, no qual não existem opostos), se manifesta somente no inconsciente e por ele é mal interpretado. Os indivíduos buscam realização e o bem estar no plano onde tudo é dividido criando ilusão:

Você sente que existe apenas o bem, a liberdade, a justiça, a beleza, o amor, a verdade, a vida, sem um oposto ameaçador, mas quando aplica isso no plano dualista, você é imediatamente lançado no próprio conflito que procura evitar. Você então propõem-se a defender um dos aspectos dualistas em detrimento do outro. E essa opção torna a transcendência impossível. (PIERRAKOS, 2007, p. 74)

Todo o padrão dual da realidade é disseminado pela cultura e principalmente pela educação. Ensina-se os seres humanos a lutarem entre si em detrimento da sua individualidade tanto no plano material quanto no plano conceitual. Quando chega o momento de descobrir que existe uma realidade para além do plano dual, as pessoas se chocam e não aceitam tal pressuposto por não serem capazes de renunciarem ao padrão egoísta de assegurar a vida. Essa forma de agir está atrelada a inteligência do ego e não a inteligência infinita do princípio divino.

Nesse sentido, essa inteligência capaz de mobilizar o direito inato de felicidade plena não compactua com o auto-interesse mesquinho do ego. Logo que se decide conduzir-se pelo caminho unificado, o bem e o mal estão em ambos os lados, assim o mal desaparece restando apenas o bem. Buscar a verdade sem achar que está certo, é entrar em contato com o princípio divino da verdade transcendente:

Se o desejo de estar na verdade é genuíno, a inspiração deve manifestar-se. Por mais que as circunstâncias apontem para uma direção, você deve estar disposto a ceder e a questionar se tudo o que você vê é tudo o que diz respeito ao problema. Este ato generoso de integridade abre caminho para o verdadeiro eu. (PIERRAKOS, 2007, p.78)

Enquanto o ser humano permanecer no plano dualista estará passando constantemente por uma tensão da alma. O plano dualista é o plano do ego e este se sente a vontade nesse plano em que o favorece. Pensar em unificação é para o ego, aniquilação. Contudo, chegará um momento que o ego se integrará ao verdadeiro eu, formando um único eu, mais pleno, mais sábio. E pensar que fazer esforços positivos é o caminho para ser notado e aceito deixa de ser uma escolha. O indivíduo deixará de oferecer o espírito de guerra, em que suas realizações se baseiam em ser melhor para si e, ofertando o espírito da vida e da paz onde suas realizações pessoais existem para enriquecer a vida dos demais.

O espírito de paz se baseia em um conhecimento intuitivo sobre o modo de ser das coisas. É lidar com o fluxo da vida, sem controle, aceitando o lugar em que está e a vida que está colocada nesse momento. É estar em harmonia com o ritmo interior, abrindo o canal para o Eu divino, onde todas as manifestações da vida serão motivadas por esse princípio divino que opera em cada um. Esse é caminho de um modo de vivenciar o plano unificado de consciência, buscando o que é mais desconfortável para o ego, permitindo ver através da essência.

Resumindo: a mudança de paradigma, de sentindo da vida somente tem efeito dentro do caminho da dualidade quando é liberado seu eu espiritual. Para isso, se faz necessário, conviver com todos os sentimentos por mais destrutivos que se pareçam e esse lado fútil e egoísta da personalidade, a sombra, deve ser aceita e trabalhada. Nada do que está no recôndito mais profundo é desprovido de força.

Todo o aspecto de energia e consciência que tem força de maneira negativa é antes de tudo, belo em sua essência original. Por isso deve-se aceitar as distorções pois assim elas são transformadas novamente em essência original. E de que maneira isso se processa: através da luz do conhecimento e da intencionalidade positiva em direção a energia e a consciência individual.

A essência do eu espiritual fornece a cada indivíduo tudo aquilo de que precisa para cumprir sua missão. Denomina-se centro divino e deve ser confrontado sem medo e restrições de renúncia a vaidade. Pelo enfrentamento da dor é que alcançamos o prazer da vida plena.

RELEITURA DO LIVRO “A PARTE QUE FALTA”

Era uma vez um pequeno círculo que buscava a sua outra parte “Oh, busco a parte que falta em mim, ai-ai-iô , assim eu vou, em busca da parte que falta em mim” (SILVERSTEIN, p.5). O trecho evoca o sentimento humano da falta, da ausência de completude de cada ser consigo mesmo. A obra narra a vida de um personagem que vive um dia de cada vez, sempre em busca de algo que aparentemente lhe falta “ às vezes ele torrava ao sol, mas logo caía uma chuva refrescante, às vezes era congelado pela neve, mas logo o sol aparecia e o aquecia novamente. (SILVERSTEIN, p.6)

Pode –se perceber que o personagem vive uma vida que oscila entre dias alegres e dias ruins, desfrutando daquilo que a vida lhe proporciona: viver um dia de cada vez. E foi conduzindo-se pelo caminho e já que não rolava rapidamente, pois lhe faltava uma parte, entendeu que poderia parar pelo caminho para conversar com uma minhoca ou talvez sentir o aroma de uma flor.

Os contos de fada são contos do destino e da vida. Os homens vêm através dos tempos sendo seduzidos por histórias que de alguma maneira, falam da vida a ser vivida. (PHILIPPINI, 1992). Etimologicamente, a palavra FADA vem do latim FATUM, que significa destino, fatalidade, oráculo. Contos de fada, segundo von Franz (1990), são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Representam os arquétipos na sua forma mais simples.

O termo arquétipo tem suas origens na Grécia antiga e remete a ideia de padrão original. Nesse sentido, todas as pessoas, objetos ou conceitos, são derivados, copiados ou modelados. Jung define arquétipo como conjuntos de imagens primordiais originadas de uma mesma experiência durante muitas gerações armazenadas no inconsciente coletivo. Nos mitos, lendas ou qualquer material mitológico, mais elaborado, atingimos as estruturas básicas da psique humana.

Todo o esforço que denota dos contos de fada segue em direção da representação de um fato psíquico apenas: O self. Para von Franz (1990), Jung define self como a totalidade psíquica de um indivíduo bem como o centro regulador do inconsciente coletivo. Tal centro não deve sua existência a experiências

pessoais, ele é herdado sendo o mesmo um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade.

Os contos de fada também têm uma função terapêutica que ajuda na resolução de conflitos. Ao ouvir uma história as pessoas não estão propriamente ouvindo, mas lembrando-se dos ideais inatos. Isso leva a resolução de conflitos internos e a uma movimentação de uma energia arquetípica havendo uma profunda transformação.

O livro “A parte que falta”, Silverstein (2018) inicia o enredo com a seguinte afirmação “ Oh eu busco a parte que falta em mim, a parte que falta em mim. Ai –ai- iô, assim eu vou, em busca da parte que falta em mim” (p.70.) Esse sentimento de incompletude assola grande parte da humanidade, moldada no paradigma newtoniano – cartesiano que estabeleceu uma concepção fragmentada da realidade onde o ser humano, a partir de Descartes, é dividido em dois reinos “ mente e matéria”. Duvidar de tudo é o principal lema dessa teoria e tal modelo de pensamento leva a divisão dualista em sujeito e objeto, eu-mundo, acreditando-se que o método científico é a única fonte válida de conhecimento.

Essa ideia de separatividade e fragmentação foi bem descrita por Capra:

a famosa frase cartesiana Cogito ergo sun (“penso, logo existo”)tem levado o homem ocidental a igualar sua identidade apenas a sua mente, em vez de iguala-lá a todo seu organismo. Em consequência da divisão cartesiana, indivíduos, na sua maioria tem consciência de si mesmos, com egos isolados existindo dentro de seus corpos. A mente foi separada do corpo recebendo a inútil tarefa de controla-lo, causando assim um conflito aparentemente entre a vontade inconsciente e os instintos involutários. (CAPRA, 1982, p.25).

Todo o conflito interno vivido na história em questão, se justifica pela influência do pensamento cartesiano na organização humana. Daí a necessidade de buscar fora algo que está interno, na alma, na centelha divina. Compreender essa visão é entender que existe para além do pensamento dual, a consciência da unidade, da inter-relação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestação de uma unidade básica caracterizando-se em uma experiência mística.

Ao longo da história, o personagem se desloca a partir de uma realidade que a própria consciência manifesta. Assim ele sobe morros, adentra mares, enfrenta sol e chuva, atrás dessa tal parte de si que grita por socorro: “passava por pântanos e matagais, morro acima, montanhas abaixo”. As vezes achava uma parte que era

grande demais, ou pequena demais. No entanto, ao se deparar com a parte “perfeita” ele entra em profundo êxtase (encaixou, encaixou com perfeição, finalmente). Contudo ele percebe que não existe perfeição, nem certo e errado, bem ou mal. Existe apenas o existir, aquilo que é, puro e simples na perfeita sintonia com os desígnios de uma força maior. Continuando a caminhada, a travessia no encantamento e na poética que existe no mundo. Assim como Guimarães Rosa nos tra “Quem elegeu a busca não pode negar a travessia”.

CONCLUSÃO: A PARTE QUE FALTA: O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO E CURA PESSOAL.

O novo olhar sobre a maneira de entender a realidade desperta novos níveis de consciência. Ir contra a realidade mecanicista e cartesiana custa caro nos dias atuais. O enfrentamento da mesmice e da normose é um embate diário que leva a noite escura da alma. Tal processo se faz necessário pois as moléstias em decorrência a crise da alma (depressão) é, pois, o gemido da essência, o grito da consciência.

Geralmente pessoas sensíveis, emotivas, reflexivas, intuitivas, místicas, são tocadas tanto pela beleza do mundo quanto pela crueldade dele. Estar conectado a própria consciência e inserido num mundo onde reina a filosofia do individualismo, é estar exposto ao massacre dos objetos sem alma e agressivos. Pessoas com alma mais vibrante, quando não cultivadas ou expostas ao mundo dos objetos separados e desconectados, são destinadas a padecer a dor da solidão, da separação, da insignificância da competição e do vazio existencial.

A competição não somente nos desafios diários e nas lutas do mercado de trabalho. Ela decorre da separatividade criada pela mente que mantém os indivíduos em constante disputa. A mudança de paradigma se faz urgente e maneira de pensar e agir materialmente em tudo não traz condições de felicidade. A consciência lida com a subjetividade e a própria consciência pertence ao mundo subjetivo, não existindo, portanto, a materialização de nada na consciência. O caminho é a unicidade do pensamento que entra em ressonância com todos os seres que existem.

O despertar da alma em torno de todo o processo evolutivo consiste em tornar autoconsciente o espírito que está dentro de cada um. A profundidade aumenta do subconsciente para o consciente colaborando para a unidade pessoal e conseqüentemente para o despertar da essência humana.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Frijot. *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix, 1982.
- LOWEN, Alexandre. *Bioenergética*. São Paulo: Summus, 2017)
- PIERRAKOS, Eva. *O caminho da autotransformação*. São Paulo: Cultrix,2007).
- PHILLIPINI, Ângela, *Cardernos de Arterapia, Contos de Fada*. Rio de Janeiro: Pomar,1992.
- RIBEIRO, Eliana N. *A utilização terapêutica de contos*. Texto adaptado de: Ângela Phippini. *Celebrações: Histórias para encantar vida*. Rio de Janeiro: Pomar,2009.
- SALDANHA, Vera. *Psicologia Transpessoal: abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. Ijuí:Ed. Unijuí, 2008.
- SILVERSTEIN, SHEL. *A Parte que falta*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.
- WEIL, Pierre; CREMA Roberto; LELOUP, Jean Yves. *Normose: a patologia da normalidade*. São Paulo: Verus, 2003.
- VON, Franz, Marie –Louise. *A interpretação dos contos de fadas*. São Paulo: Paulus, 2005.